



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Presença de falácias no discurso político de esquerda e de direita em Portugal: uma análise aos debates das Eleições Legislativas de 2022

Diogo Cravidão Alexandre

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador(a):

Doutora Cláudia Álvares, Professora Associada com Agregação

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

setembro, 2024



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Presença de falácias no discurso político de esquerda e de direita em Portugal: uma análise aos debates das Eleições Legislativas de 2022

Diogo Cravidão Alexandre

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador(a):

Doutora Cláudia Álvares, Professora Associada com Agregação

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

setembro, 2024

Agradecimentos

Gostaria de expressar a minha profunda gratidão a todos os docentes com os quais tive o privilégio de aprender ao longo da minha jornada no ISCTE. Cada um, de uma forma ou de outra, contribuiu para o desenvolvimento desta dissertação.

Agradeço de forma especial à Professora Doutora Cláudia Álvares, cujo auxílio e orientação foram fundamentais durante todo este processo.

Agradeço ainda a todos os familiares e amigos que me apoiaram durante este percurso, pela vossa motivação e cuidado em cada etapa.

Resumo

Num setor tão complexo e intrincado como a política, marcado por vicissitudes envolvidas por um ambiente em constante mudança, a argumentação e a ideologia caminham lado a lado, com os objetivos de transmitir ideias e mobilizar o eleitorado. De forma a os atingir, os partidos procuram empregar mecanismos discursivos que apresentam falhas na sua construção, conhecidos como falácias. Estas são especialmente evidentes em contextos eleitorais e de debate, que são o tema desta dissertação, em particular os debates entre Livre x CDS-PP e BE x Chega, nas Eleições Legislativas Portuguesas de 2022. Com isto em mente, a presente dissertação procura avaliar, através da análise dos debates mencionados à luz da abordagem pragmático-dialética de Van Eemeren (2022) e com o auxílio do software MAXQDA, se o discurso político da esquerda e da direita apresentam diferenças significativas no que se refere aos mecanismos falaciosos e às estratégias discursivas que recorrem. Assim, o principal objetivo deste trabalho reside na identificação de diferenças, semelhanças e/ou tendências entre os debates analisados, no que diz respeito à presença de falácias. Os resultados mostram que existe um conjunto de estratégias discursivas partilhado por ambos os lados do espectro político, como a utilização de falácias da falta de clareza e da ambiguidade. No entanto, também podem ser identificadas diferenças significativas, incluindo uma maior utilização de formulações populistas por parte dos partidos de direita e variações nos temas abordados por cada partido ao longo dos debates.

Palavras-chave: política; debates políticos; esquerda; direita; discurso político; falácias

Abstract

In the intricate and evolving realm of politics, argumentation and ideology go hand in hand with the ultimate goal of conveying ideas and mobilizing the electorate. In order to achieve this, parties often utilize discursive mechanisms that are inherently flawed, known as fallacies. These fallacies become particularly apparent in electoral contexts and political debates. This dissertation focuses on the debates between Livre x CDS-PP, as well as BE x Chega, during the 2022 Portuguese Legislative Election. The aim of this dissertation is to assess, through an analysis of the aforementioned debates using Van Eemeren's (2022) pragma-dialectical approach and the MAXQDA software, whether there are significant differences in the political discourse of the left and right regarding the use of fallacies and flawed discursive strategies. The primary objective is to identify any differences, similarities, or trends in their presence within these debates. The results indicate that both sides employ similar discursive strategies to an extent, such as the use of fallacies involving lack of clarity and ambiguity. However, there are also notable differences, including a higher frequency of populist rhetoric by right-wing parties and variations in the topics brought to the table by each party throughout the debates.

Keywords: politics; political debates; left-wing; right-wing; political discourse; fallacies

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	v
Índice	vii
Índice de Figuras	ix
Glossário de Siglas	xi
Introdução	1
Capítulo 1 – Falácias Discursivas, Argumentação e Política.....	5
1.1 Discurso e Argumentação: Introdução às Falácias	5
1.2 Abordagem Pragmático-Dialética e as Regras Argumentativas	7
1.3 Discurso Político e a Relevância do Contexto	9
1.4 Espectro Político: A Ideologia no Centro da Ação.....	12
Capítulo 2 – Debates, Abordagens Metodológicas e Contexto Político	17
2.1 Dimensões de Análise, Hipóteses e Objetivos.....	17
2.2 Operacionalização e Preferências Metodológicas	18
2.3 Debates Seleccionados e Contextualização Política.....	20
Capítulo 3 – Resultados e Discussão	25
3.1 Resultados	25
3.2 Discussão	29
3.2.1 Observação quantitativa de falácias como indicador da moderação política..	29
3.2.2 Vitimização do Povo Português	30
3.2.3 Personificação do Argumento	31
3.2.4 Luta de Classes e Benefícios Fiscais.....	32
3.2.5 Utilização de Emoções e Sentimentos como Ferramenta Argumentativa	33
3.2.6 Ênfase dos Ataques Pessoais e de Carácter à Direita	34
3.2.7 Equilíbrio Quantitativo na Falácia do Argumento como Prova.....	36
3.2.8 Liderança Partidária Centralizada como Fonte de Autoridade	36
3.2.9 Sensibilidade Temática na Introdução de Argumentação Irrelevante.....	37
3.2.10 Populismo e Sensacionalismo Argumentativo.....	39
3.2.11 Complexidade e ambiguidade como mecanismos de mobilização da audiência	40
Conclusões	43
Referências Bibliográficas	47

Índice de Figuras

Figura 1 - Distribuição total de falácias por partido político.....	25
Figura 2 - Distribuição da frequência de falácias por partido político	26
Figura 3 - Mapa de conexões entre códigos no debate Livre x CDS-PP.....	27
Figura 4 - Mapa de conexões entre códigos no debate BE x Chega	28
Figura 5 - Nuvem de palavras dos debates	29

Glossário de Siglas

UC - Unidade Curricular

BE - Bloco de Esquerda

CDS-PP - Partido do Centro Democrático Social – Partido Popular

PSD - Partido Social Democrata

PS - Partido Socialista

PCP - Partido Comunista Português

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgénero

RT - Rui Tavares

FRS - Francisco Rodrigues dos Santos

CM - Catarina Martins

AV - André Ventura

RBI - Rendimento Básico Incondicional

IMI - Imposto Municipal sobre Imóveis

RSI - Rendimento Social de Inserção

Introdução

Numa era de crescente polarização política, marcada quer pelo aumento das vozes, mensagens e conteúdos disponíveis, quer por um cada vez mais fácil acesso através dos diversos meios de comunicação social e canais digitais, a divisão entre os partidos de esquerda e de direita, bem como o seu respetivo discurso, aparenta estar bem vincada, exacerbada pela espetacularização da política (Prior, 2013, p.102). Mas será que estas diferenças podem ser identificadas ao analisar em concreto as estratégias discursivas empregues pelos partidos situados nos dois lados do espectro político? Por outras palavras, será o discurso político da esquerda e da direita assim tão distinto no que toca aos mecanismos lógicos e argumentativos que cada lado utiliza?

É precisamente na forma como constrói e organiza o seu discurso que cada partido apresenta os seus matizes ideológicos, marcados muitas vezes por segmentos falaciosos que têm como objetivo a mobilização do eleitorado. Este objetivo é enfatizado num contexto de debate político, entre dois partidos em lados opostos do espectro político, contexto esse que vai ser colocado em destaque nesta dissertação. No seguimento desta linha de investigação principal surgem outros objetivos complementares, como os seguintes: 1) Analisar e estudar um dos aspetos argumentativos (falácias) presentes no discurso político de partidos em posições opostas do espectro ideológico; 2) Retirar conclusões sobre a possível identificação de diferenças e/ou semelhanças entre os discursos analisados no que diz respeito à presença de falácias discursivas; 3) Obter dados que nos permitam associar determinadas tendências nas falácias utilizadas com maior e menor frequência por ambos os lados do espectro político, numa perspetiva ‘esquerda Vs. direita’, ‘esquerda Vs. esquerda’ e ‘direita Vs. direita’.

Por seu lado, a pertinência desta investigação e as respetivas razões que sustentam a sua materialização residem em dois grandes aspetos. Primeiro, os setores da política e da análise discursiva sempre se situaram no foro do interesse pessoal, tendo tido a oportunidade de aprofundar os meus conhecimentos dos mesmos através de múltiplas unidades curriculares que frequentei durante o mestrado, como a unidade curricular de Práticas Discursivas e a unidade curricular de Marketing Político. Aliando este interesse pessoal às competências de observação e análise de conteúdos obtida através da UC de Análise de Conteúdo com Programas Informáticos, senti que estava numa posição ideal

para iniciar um estudo sobre um dos principais elementos do discurso político, bem como a forma como este é empregue pelos diversos partidos políticos. Depois, percebi que este tipo de análise do discurso político em contexto de debate, com foco nos mecanismos argumentativos que são as falácias, não tem grande expressão no contexto nacional, contrariamente ao contexto estrangeiro, e por conseguinte, durante a pesquisa inicial realizada para contextualizar esta dissertação, julguei fazer sentido a materialização de um estudo com estes contornos, fortalecendo o conhecimento discursivo, numa vertente argumentativa, dentro da política nacional.

De forma a atingir os objetivos explicitados, esta dissertação encontra-se organizada da seguinte forma: o Capítulo 1, dedicado à revisão da literatura, inicia-se com uma introdução ao conceito de falácias, olhando para algumas perspetivas históricas, a sua respetiva evolução e ainda o contributo de outros pensadores mais críticos destas abordagens tradicionais. De seguida, é apresentada a perspetiva teórica que vai reger a análise realizada nesta investigação, a abordagem pragmático-dialética, descrevendo no que consiste, bem como as dez regras argumentativas inscritas na mesma. Serão também revistos e abordados os diversos contributos académicos em relação ao conceito de discurso político, o elemento basilar desta dissertação, em toda a sua complexidade. Refletiremos ainda sobre a importância do contexto situacional aquando da análise de determinado discurso político, tentando perceber de que forma afeta o conteúdo deste último e o modo como é veiculado pelos intervenientes. Por último, o capítulo da revisão da literatura irá debruçar-se sobre o lado mais ideológico da política, outro elemento essencial na sua génese, olhando para a forma como o espectro político se encontra dividido de acordo com diversos autores, não descurando naturalmente outras perspetivas críticas que possam contribuir para a discussão e evolução do conceito. No Capítulo 2, correspondente à secção metodológica e contextual, encontra-se presente a descrição e explicitação de elementos como as dimensões de análise, as hipóteses e os objetivos identificados na realização desta investigação, incluindo, de seguida, a apresentação das justificações que sustentam as escolhas metodológicas e a respetiva estratégia de operacionalização aplicada neste trabalho. Neste capítulo podemos ainda encontrar as razões por detrás das escolhas dos casos selecionados para análise, bem como uma breve síntese contextual sobre o cenário político vivido no momento das eleições legislativas de 2022, momento esse que constitui o foco deste trabalho, procurando auxiliar a

compreensão desta dissertação através da exposição da história, do papel e dos objetivos de cada um dos partidos políticos presentes na mesma. Já o Capítulo 3 inicia-se com a apresentação dos resultados obtidos através do estudo e análise descritos nos capítulos anteriores, procurando auxiliar a exposição dos mesmos com ferramentas visuais, como figuras e tabelas, com o objetivo de complementar os dados obtidos. De seguida, na secção dedicada à discussão destes mesmos resultados, encontramos a mesma dividida num conjunto de tópicos-chave, cada um dos quais correspondente a uma reflexão retirada da observação dos dados quantitativos apresentados na secção anterior, tocando em pontos como a moderação política partidária, a utilização das emoções e sentimentos como ferramenta argumentativa, a organização partidária como fonte de autoridade, entre outros, numa perspetiva que procura dar ênfase à análise comparativa entre partidos. Por último, a conclusão procura sintetizar as principais reflexões e resoluções retiradas dos resultados obtidos, através da sua respetiva análise e discussão, abordando ainda um conjunto de limitações e recomendações associadas ao processo de desenvolvimento desta dissertação.

CAPÍTULO 1

Falácias discursivas, Argumentação e Política

1.1 Discurso e Argumentação: Introdução às Falácias

Dando início à revisão da literatura existente sobre o tema em análise, importa começar por abordar o conceito de falácia discursiva, elemento central a este trabalho. As teorias da argumentação e as falácias discursivas, centrais para as ciências sociais e humanas, têm sido alvo, na nossa atualidade, de contínua reflexão, análise e consequente evolução a partir do contributo significativo de autores como Aristóteles, John Locke e Stuart Mill. Este trabalho pretende, assim, apontar o seu foco a algumas perspetivas e propostas de definição de alguns autores mais recentes, bem como críticas às mesmas, de maneira a preparar o território metodológico que servirá de base à análise das falácias presentes nos debates políticos a analisar em capítulos seguintes.

Ainda antes de olhar para a perspetiva clássica existente sobre a teoria das falácias, torna-se imperativo introduzir o conceito de argumento, a base de qualquer discurso político, bem como dos mecanismos lógicos falaciosos. Ali, Paramasivam e Jabar (2022) apresentam uma perspetiva simples e direta, que olha para o argumento como um elemento composto por duas partes distintas, a premissa e a conclusão (p.67). Ora, ao analisar um argumento cuja vertente lógica se entende como correta e bem organizada, percebemos que “the premises should be thorough and accurate; the conclusion should clearly and incontrovertibly derive from that evidence” (Ali, Paramasivam & Jabar, 2022, p.67). Assim, tendo em conta a perspetiva anterior, num ponto de vista clássico, que será a base para as reflexões apresentadas neste trabalho, “fallacies are forms of argument that represent (...) deceptive argumentation tactics used unfairly to get the best of a speech partner (...) they are (...) logically arguments that appear to be correct” (Ali, Paramasivam & Jabar, 2022, p.67). Esta perspetiva surge então intimamente ligada ao discurso argumentativo e ao próprio conceito de argumento, elemento basilar dos debates políticos e do seu ambiente caracteristicamente confrontacional e persuasor. Estes instrumentos discursivos são então empregues com o objetivo de superar a argumentação do adversário, não através de contra-argumentos diretos e estruturalmente bem construídos, segundo a proposta anteriormente introduzida, mas sim através de mecanismos lógicos enganosos que procuram fazer-se passar pelos primeiros.

Apesar de poder ser considerada a perspectiva tradicional no que toca ao estudo e análise das falácias, o autor J. L. Austin (2011) opta por seguir uma vertente teórica que olha para estas como mecanismos que possuem um outro nível de complexidade, observando-os na forma como estes se relacionam e como tomam lugar não só no discurso argumentativo característico de ambientes como a política, mas também no discurso do dia-a-dia, menos preparado e mais espontâneo (Austin in Zagar & Mohammed, 2011, p.7). Tirando o foco da dicotomia verdade e falsidade, o autor prefere focar os elementos do contexto e da intenção da seguinte forma:

“Outsider logic, in the real world, in everyday communication, (...) the truth or falsity of what we say can be replaced by right or proper things to say, in these circumstances, to this audience, for these purposes and with these intentions” (Zagar & Mohammed, 2011, p.7).

De forma complementar à perspectiva anterior, Hamblin opta por introduzir um elemento adicional à mesma, o papel da audiência. Na sua visão, não existindo uma verdade universal e incondicional na realidade em que vivemos, é dada relevância ao papel da audiência e à intencionalidade de quem comunica na utilização e aplicação de falácias na comunicação rotineira do dia-a-dia:

“There are no universal arguments or universal criteria for what an argument should look like to be (seen as) an argument. Consequently, there can be no universal fallacies or universal criteria for what is a fallacy in everyday communication (persuasion and argumentation).” (Hamblin in Zagar & Mohammed, 2011, p.5).

Nesta perspectiva complementar, as falácias são fenómenos discursivos comuns na comunicação diária e rotineira, sendo estas a base da nossa razão e da nossa argumentação, impossibilitando assim o constante policiamento lógico destes mesmos argumentos que empregamos regularmente e com os quais somos bombardeados na ação comunicativa que realizamos todos os dias, inúmeras vezes, com múltiplas pessoas distintas.

“(...) we simply can’t take into consideration all the instances of a particular case, it would be practically impossible. In everyday life, we usually make our decisions on a limited number of analogies and examples, even on examples or experiences we don’t have direct access to (we were just told about them).” (Zagar & Mohammed, 2011, p.24).

Com um entendimento um pouco mais completo sobre a perspetiva clássica da teoria das falácias e alguns dos complementos mais críticos à mesma, segue-se a adaptação da primeira à abordagem que vai ser aplicada na análise aos debates políticos selecionados para este trabalho, bem como a respetiva categorização das falácias segundo as regras do discurso argumentativo apresentadas por esta mesma abordagem.

1.2 Abordagem Pragmático-Dialética e as Regras Argumentativas

Adaptando agora esta perspetiva inicial ao campo específico do discurso político, que é caracteristicamente argumentativo, percebemos que neste contexto as falácias apresentam-se como “derailments of strategic manoeuvring, meaning speech acts that violate rules of a rational argumentative discussion for assumed persuasive gains” (Goffredo, Haddadan, Vorakitphan, Cabrio & Villata, 2022, p.4143). Esta perspetiva falaciosa baseada neste tipo de discurso vai ao encontro da abordagem pragmático-dialética de Van Eemeren. Esta abordagem, que adota a perspetiva inicialmente introduzida em relação às falácias e ao seu papel no discurso político, procura dar ênfase a dois aspetos do discurso, a dialética e a retórica, de maneira a construir uma única abordagem que permita incorporar ambos os conceitos numa única proposta. Assim, enquanto a dialética procura basear a credibilidade da argumentação na “belief and reasonableness of evidence provided by the arguer”, a retórica segue um ponto de vista distinto, focando não a verdade factual do argumento apresentado mas “the speaker’s ability to convince or persuade an audience” (Van Eemeren in Ali, Paramasivam & Jabar, 2022, p.68). Ao proceder à junção destes dois aspetos num contexto de análise crítica do discurso, surge então a abordagem pragmático-dialética. Com base nestes princípios, Van Eemeren desenvolveu dez regras que funcionam como um teste para a construção de um argumento válido. Cada regra apresentada incorpora em si diferentes falácias, que podem ser consultadas na secção Anexos. De forma a auxiliar a compreensão desta abordagem, segue-se uma breve síntese de cada regra.

A primeira regra, a regra da liberdade, afirma que o interlocutor não pode impedir que o seu adversário apresente qualquer argumento, independentemente do seu tipo ou do seu conteúdo, assegurando assim a liberdade completa do debate, podendo o interlocutor, por consequência, criticar qualquer dos argumentos apresentados pelo seu adversário.

A segunda regra, a regra do ónus da prova, indica que o interlocutor deve defender o seu argumento contra todas as críticas feitas pelo seu adversário, não podendo assim evitar a responsabilidade de provar o seu argumento, nem procurar passar a responsabilidade de prova do seu argumento para o seu adversário.

A terceira regra, a regra do argumento, declara que a defesa de um argumento deve ficar apenas circunscrita aos detalhes e características do próprio argumento, nunca trasvazando para outro tipo de contra-argumentos, como ataques pessoais ou o desvio do debate para outros temas não relacionados com o argumento em questão.

A quarta regra, a regra da relevância, informa que durante o debate de um determinado tema, os argumentos apresentados para criticar ou defender determinados pontos de vista têm de estar diretamente relacionados com o tema em questão, não existindo espaço para outros mecanismos retóricos característicos do discurso argumentativo como o apelo a qualquer tipo de emoções.

A quinta regra, a regra da premissa não expressa, afirma que um interlocutor não deve atribuir afirmações ao seu adversário que não tenham sido proferidas por ele, bem como não deve evitar responsabilidade por quaisquer premissas e significados indiretos que possam ser inferidas a partir do argumento apresentado.

No seguimento desta regra, e intimamente relacionada com a mesma, surge a sexta regra, a regra do ponto de partida, que diz o seguinte:

“The speaker should not falsely presente a premise as an accepted starting point, nor deny a premise representing an accepted starting point (...) It is a kind of trick proposed by him to introduce such a controversial proposition to prevent

the starting point at issue from being attacked” (Van Eemeren in Ali, Paramasivam & Jabar, 2022, p.70).

A sétima regra, a regra do esquema argumentativo, possui especial importância quando da análise de debates políticos, caracterizados pelas deturpações argumentativas introduzidas. Esta regra indica que um argumento apresentado apenas é considerado válido se respeitar o esquema argumentativo apropriado de relação-causa e de outros mecanismos retóricos como as analogias.

A oitava regra, a regra da validade lógica, informa que a validade lógica e racional do argumento apresentado tem de ser validada através das premissas apresentadas, sejam elas comunicadas de forma explícita ou indireta.

A nona regra, a regra da conclusão do debate, tal como o nome indica, foca a necessidade de, no fim da discussão, ambos os participantes concordarem no resultado final da mesma, sob o risco de a diferença de opinião que iniciou o debate se manter. Assim, o interlocutor deve retrair o seu argumento se a defesa do mesmo tiver falhado.

Por último, a décima regra, a regra da interpretação de argumentos, indica que o interlocutor não deve utilizar argumentos, frases e expressões que sejam ambíguas ou pouco claras por natureza, podendo levar o adversário a interpretar de forma errada o conteúdo e o objetivo do argumento apresentado. Deste modo, o argumento deve ser introduzido de forma cuidada e precisa, evitando o uso de linguagem ambígua e pouco clara.

1.3 Discurso Político e a Relevância do Contexto

De maneira a auxiliar a compreensão da análise que se vai realizar, importa também olhar um pouco para o tipo de texto que será analisado, e de que maneira as suas características afetam e influenciam ou não o aparecimento das falácias como mecanismos argumentativos. Apesar de o próprio nome dar a entender que o discurso político será qualquer discurso proferido num contexto político ou por agentes políticos, o escopo do conceito estende-se um pouco além desta primeira observação.

Numa primeira abordagem, a visão de Ali, Paramasivam & Jabar (2022) é nos apresentada da seguinte forma:

“Political discourse is any technique, written or spoken, that attempts to influence peoples’ opinion or encourage their actions to support a policy or a program (...) that is, political discourse focuses on presenting a point of view in such a way that can make people see the world or to see a particular issue from a particular point of view” (p.66).

Com a ajuda da perspectiva destes autores percebemos que o discurso político foca não apenas as palavras proferidas por agentes no contexto político, mas sim a maneira como estas últimas organizadas, bem como toda a dinâmica argumentativa e persuasora que se encontra na base do discurso deste tipo de interlocutores, que procuram convencer e mobilizar as massas a partir das palavras. Através desta breve introdução ao discurso político podemos identificar uma característica elementar e basilar deste tipo de texto, o aspecto confrontacional, argumentativo e persuasivo, que ganha maior destaque num cenário de debate direto de ideias, como aquele abordado neste trabalho.

Assim, para entender melhor o discurso político, importa não apenas procurar entender as suas vicissitudes, mas também os objetivos que se encontram na base da sua atuação:

“The primary goal of political discourse is to persuade people, this purpose cannot be accomplished unless the audience view the world according to politicians’ desires. In fact, political discourse intends to impose certain beliefs and attitudes upon people, these beliefs and attitudes comprise politicians' underlying ideologies, and according to these ideologies, politicians construct the language by which they aim to persuade people and thereby exercise power and dominance over them” (Ali et al, 2022, p.67).

Desta forma, torna-se evidente que a busca pelo poder é o motivo subjacente à utilização deste tipo de discurso que privilegia a utilização de mecanismos linguísticos e lógicos que primem pela sua capacidade de transmitir ideologias, desacreditando os argumentos e ideologias adversárias e atingindo assim o objetivo final de persuadir, convencer e mobilizar o público e o eleitorado.

Todas estas características, tanto inerentes ao próprio discurso político como ao contexto confrontacional e altamente mediático do debate televisado entre dois indivíduos que defendem ideologias opostas - podendo até ser equiparado a um espetáculo, cujo objetivo reside na atração de audiências - acabam por fazer dos debates políticos um ecossistema ideal para o surgimento de mecanismos falaciosos que, como vimos, procuram atingir objetivos semelhantes ao do próprio discurso: persuadir, convencer e mobilizar.

É claro que o contexto não deixa de ser um elemento da mais elevada importância aquando da análise de debates políticos. Cada debate é realizado entre dois partidos distintos, com objetivos e ideologias características, representados por uma figura central, o seu líder, num macro cenário de momentos eleitorais, caracterizados pela sua elevada intensidade e importância. É assim essencial ter em conta o background e o contexto de ocorrência de determinado debate político:

“Political discourse (...) may primarily be defined and studied contextually in terms of the participating actors, their social function, goals and the political institutions and cognitions involved. The specifics of political discourse analysis therefore should be searched for in the relations between discourse structures and political context structures” (Van Der Valk, 2003, p.314).

Cada frase proferida por um agente político no cenário de um debate surge assim dentro de um determinado contexto, contexto esse que possui inúmeras variáveis, algumas das quais enumeradas anteriormente. De maneira a atingir a melhor compreensão possível do próprio discurso, bem como dos possíveis mecanismos lógicos presentes, de carácter falacioso ou não, impõe-se, efetivamente, a necessidade de conhecer o contexto por detrás do cenário argumentativo disposto.

Assim, dada a importância deste aspeto, torna-se imperativa a introdução de uma breve síntese contextual sobre o cenário político vivido no momento destas eleições legislativas de 2022, bem como sobre a história, o papel e os objetivos de cada um dos partidos políticos presentes nos debates em análise, síntese esta que se encontra no capítulo respetivo.

1.4 Espetro Político: A Ideologia no Centro da Ação

Após as reflexões anteriores sobre os aspetos mais técnicos desta dissertação, no que toca às falácias, sua caracterização e respetiva abordagem discursiva, torna-se essencial olhar para o lado mais ideológico da política, que se pode considerar o esqueleto desta ciência, pois são as crenças ideológicas de cada agente, e a forma como estas se relacionam com as ideologias dos outros interlocutores, que despoletam o debate político e providenciam o contexto ideológico com que observamos as falácias presentes nos discursos dos mesmos.

Partindo de uma perspetiva mais tradicional, percebemos que, devido aos seus valores e ideologias nucleares divergentes, o espectro político divide-se nas categorias gerais esquerda e direita. Por um lado, “the bulk of studies from this stream of empirical research suggest that ‘left’ is associated with equality, solidarity and governmental intervention, but also emancipation, environmental protection and pacifism” (Jankowski, Schneider & Tepe, 2023, p.27). Por outro lado, “‘right’ is associated with economic liberalism and conservative or authoritarian views” (Jankowski et al, 2023, p.27).

A partir desta associação ideológica clássica, conseguimos perceber que existe uma maior facilidade na caracterização e associação de valores às posições ideológicas defendidas pela esquerda, reflexão esta que nos aponta para a reflexão de que o lado direito do espectro político engloba em si mesmo uma complexidade ideológica distinta da esquerda, o que o torna especialmente interessante de observar e estudar (Mair in Jankowski et al, 2023, p.27). Naturalmente, esta não é a única perspetiva existente sobre os conceitos ideológicos atribuídos à esquerda e à direita políticas, existindo ainda uma outra visão que aponta não aos valores defendidos em si, mas à maneira como estes são defendidos e incorporados pelos agentes políticos, tendo em conta o contexto em que surgem e são colocados.

Assim, “[other authors] regard them as rooted in differing interpretations and weighting of the same values and concepts and differences concerning how they are served” (White, 2011, p.124). Consequentemente, são estes espaçamentos ideológicos que distinguem a esquerda da direita que permitem e estimulam o surgimento dos mecanismos falaciosos suportados pelos topoi vigentes nos contextos sociais, políticos e culturais em causa. Deste modo, por outras palavras:

“Topoi [are] parts of argumentation which belong to the obligatory, either explicit or inferable premises (...), as such, they justify the transition from the argument or arguments to the conclusion (...) [being] central to the analysis of seemingly convincing fallacious arguments which are widely adopted” (Wodak, 2009, p.311).

Como seria de esperar, num contexto de rigorosa análise científica, são ainda apontadas algumas críticas a estas visões do espectro político, da sua divisão e das suas características. Um dos aspetos mais criticado é a perceção de que nestas perspetivas os termos de esquerda e direita, bem como os valores ideológicos a eles associados, encontram-se estáticos, ignorando o dinamismo e fluidez dos mesmos e não acautelando as possíveis mudanças que possam existir no meio (Jankowski et al, 2023, p.28).

Numa linha de pensamento crítico semelhante a esta, surge ainda o contributo de outros autores que apontam aos conceitos o ónus de “either oversimplifying complex political phenomena or (...) being unable to capture newly rising social clashes” (Wojcik, Cislak & Schmidt, 2021, p.3) devido precisamente a esta posição rígida e resistente à mudança. Enquanto que, por um lado, possa existir uma tendência de estereotipificação da direita atual com as características atribuídas à mesma no passado, relembrando nomeadamente os ideias nacionalistas, parece vir a surgir, ao mesmo tempo, conjunturas socio-políticas distintas defendidas pelos novos movimentos de direita europeus, como o partido AfD, na Alemanha, que procura estar atento à ecologia e aos direitos das mulheres, fazendo uso não do racismo biológico característico dos extremados movimentos nacionalistas do passado mas sim da discriminação cultural em prol dos valores defendidos (Kim, 2017, p.5).

Esta visão alargada da evolução do espectro político não só em Portugal, mas também na Europa, indica-nos que estes termos e conceitos aos quais se associam ideologias e valores políticos possuem, na verdade, uma natureza dinâmica, permitindo-se à evolução e fluidez conceitual e de perspetivas. Estas mudanças parecem assim comprovar as visões evolutivas defendidas por autores como Raymond:

“Since the 1980’s (...) voter behaviour is no longer conditioned by belonging to a political family, milieu or class, but aligned with pragmatic choices reflecting shifting individual interests. This evolution has forced mainstream parties of left and right to loosen, if not abandon, their ties to traditional ideological positions” (Raymond, 2017, p.422).

Não obstante desta postura evolutiva, a permanente busca pelo progresso socio-económico e cultural dita a constante necessidade confrontacional entre agentes políticos que defendem ideologias distintas, situados em lugares opostos do espectro, dando forma à continua batalha entre ambos os lados, em nome do desenvolvimento e da prosperidade. Desta forma, determinados autores teorizam o seguinte:

“The archetypes of left and right will continue to need to define themselves in opposition to each other. For the apostle of left-wing values, the individual of the right will continue to be a defender of the rich, of the bosses, the enemy of the unions (...) For the apostle of the right, the left-wing adversary will remain obsessed with the ideal of equality, wedded to the redistribution of wealth rather than its production” (Raymond, 2017, p.423).

No desenrolar desta confrontação podem assim ser observadas diferenças entre esquerda e direita, alguma delas já mencionadas neste trabalho, não descurando ainda a forma como ambos os lados do espectro político se relacionam com o eleitorado e ainda entre si. Uma das principais distinções passíveis de observação reside na organização e funcionamento interno dos próprios partidos. Por um lado, a esquerda tende a valorizar as “grassroots politics, deliberation and participation (...) embedded in the principles of decentralization, local participation and shared leadership” (Talshir, 2005, p.331). Por outro lado, completamente contrário, a direita pende para uma “very hierarchical, centrist organization”, com foco num líder único e destacado (Talshir, 2005, p.332).

Este aspeto diferenciador ganha maior destaque se o relacionarmos com o facto de que a direita, nomeadamente o Chega, possui uma presença nas redes sociais destacada em comparação com os seus opositores, principalmente aqueles de esquerda. Partindo da reflexão de Cardoso – “o que temos assistido é a um afastamento das ideias e a uma concentração na dimensão pessoal. [As redes sociais] são um espaço natural para se estabelecer relações diretas com os adeptos, onde não interessa tanto a dimensão factual mas a dimensão da crença e de grupo” (Cardoso in Anjos, 2024, p.35) – facilmente percebemos que a posição de destaque atribuída ao líder em partidos de direita, como o Chega, permite uma maior facilidade na conexão pessoal e personalizada com o eleitorado que utiliza este tipo de redes, facilitando a criação de ligações diretas com os seguidores através da partilha de conteúdos em que a figura do líder surge num contexto mais informal e relacionável, contrastando com a formalidade e seriedade tradicionalmente atribuídas à política.

Uma outra diferença importante entre a esquerda e a direita no paradigma atual reside na forma como estes partidos se dirigem ao seu eleitorado e abordam as questões que afetam diretamente a população da sua nação, aspetos estes habitualmente abordados em confrontos argumentativos como os debates que vamos analisar mais à frente. Autores como Wodak descrevem esta diferença da seguinte forma:

“Right wing populism presents itself as serving the interests of an imagined homogeneous people **INSIDE** a nation-state, whereas left-wing populism or other parties (...) have an inclusive position, look **OUTWARDS** and emphasize diversity or even cosmopolitanism.” (Wodak & Nugara, 2017, p.167).

Esta distinção é mais facilmente compreendida através do exemplo concreto do contexto discursivo dos partidos políticos portugueses, na abordagem a um tema em específico, como a imigração, por exemplo. Enquanto o Chega utiliza frequentemente a designação ‘portugueses de bem’, criando assim um grupo homogéneo associativo de pessoas que defendem os mesmos valores e lutam por objetivos comuns, identificados pela sua ligação e amor à nação, o Bloco de Esquerda opta por generalizar as suas abordagens, procurando incluir nas suas declarações e propostas a luta pelos direitos dos migrantes, valorizando assim valores como a solidariedade e multiculturalismo.

Por último, uma outra diferença identificável entre a esquerda e a direita reside precisamente na forma como estes se relacionam com a figura do Estado e o sistema vigente, possuindo ambos perspetivas muito distintas neste aspeto. No entanto, apesar das diferenças nas perspetivas de direita e esquerda, os resultados acabam por se assemelhar entre si. Wodak capta bem essa semelhança ao afirmar o seguinte:

“The arrogance of ignorance dictates that amateur strong men and vocal disgruntled plebs must take the lead (...) by direct mandate, rather than government elected representatives or other more complex and time-intensive democratic mechanisms that would require negotiation, deliberation and compromise.” (Wodak in Friedman, 2017, p.571)

Colocando novamente a oposição Chega-BE em destaque, percebemos que o primeiro olha para a esquerda como servos do sistema, que procuram a todo o custo defender o status quo e os mecanismos tradicionais, que, segundo a direita, os permitem sobreviver e somar riquezas à conta da população. Assim, na perspetiva do Chega, a sua missão reside em procurar destabilizar estas posições bem solidificadas e pré-estabelecidas, rejeitando e desvalorizando as instituições e canais democráticos indicados, privilegiando, por oposição, movimentos e ações disruptivas fora daquilo que o partido considera ser o sistema. Ora, este tipo de perspetiva anti-sistema relaciona-se diretamente com a primeira distinção apontada neste capítulo, baseada na organização dos partidos e no papel das redes sociais na mobilização do eleitorado:

“Such a rejection of established democratic procedures creates a new kind of anti-democratic politics based on (violent) street actionism. Its paradigm is politics as a form of instant-gratification consumerism, facilitated by the Web” (Wodak in Friedman, 2017, p.571).

CAPÍTULO 2

Debates, Abordagens Metodológicas e Contexto Político

2.1 Dimensões de análise, hipóteses e objetivos

Dando início à secção dedicada aos aspetos e escolhas metodológicas que constituem a base deste trabalho, torna-se imperativo começar por abordar as hipóteses que se pretendem testar ao longo do mesmo.

Nesta investigação será analisada a presença de falácias discursivas em dois debates políticos que tiveram lugar no contexto das Eleições Legislativas de 2022, colocando frente a frente Catarina Martins, do Bloco de Esquerda, e André Ventura, do Chega, bem como Rui Tavares, do Livre, e Francisco Rodrigues dos Santos, do CDS-PP. Com a escolha destes partidos, procurou-se fazer uma distinção entre a esquerda e a direita políticas, com o BE e o Livre a representar a esquerda e como o Chega e o CDS-PP a representar a direita, de maneira a, posteriormente, ser possível comparar os resultados obtidos entre ambos os lados do espectro político, bem como entre os partidos de cada ala.

Assim, torna-se mais claro todo o processo de reflexão que levou à construção das hipóteses a ser colocadas neste trabalho, divididas em duas grandes questões, bem como duas outras afirmações a testar, traçadas da forma descrita a seguir.

Numa primeira linha de questionamento, de foco misto, tanto qualitativo como quantitativo, procuram-se extrair dos dados perceções que nos permitam associar determinadas tendências nas falácias utilizadas com maior e menor frequência por ambos os lados do espectro político, numa perspetiva esquerda Vs. direita. Depois, no seguimento desta primeira abordagem, dentro do mesmo raciocínio lógico e hipotético, impõe-se uma questão de formulação e objetivo semelhantes, mas que procura agora mudar o foco da análise da esquerda vs. direita e privilegiar sim a ‘esquerda vs. esquerda’ e a ‘direita vs. direita’, de maneira a facilitar a construção de uma discussão de resultados robusta, espelhada posteriormente nas conclusões obtidas. Estas pretensões materializam-se através das seguintes hipóteses: Existem determinados tipos de falácias discursivas que figuram mais frequentemente no discurso da esquerda ou da direita política portuguesa?

Existem diferenças ou padrões na quantidade e no tipo de falácias que se podem identificar dentro do discurso de dois partidos que se posicionam de forma semelhante no espectro político?

Numa segunda linha de questionamento, que parte de pressuposições alicerçadas na experiência pessoal e no contacto entre a sociedade civil e a política, impõe-se duas hipóteses na forma de afirmações a serem confirmadas ou refutadas, parcialmente ou de forma integral, pelos resultados obtidos. Em seguida, apresentamos estas três hipóteses: 1) O discurso de partidos de direita faz um maior uso de falácias argumentativas do que o discurso de esquerda; 2) Estando afastados no espectro político, o discurso de partidos de esquerda e de partidos de direita distingue-se através das estratégias e do tipo de falácias que cada lado utiliza; 3) Os temas abordados pelos partidos em lados opostos do espectro político são distintos, contrastando com as semelhanças que podem ser identificadas neste aspeto ao comparar os partidos dentro da mesmo ramo ideológico.

Deste modo, alicerçado nos resultados obtidos através da análise realizada, este trabalho colocou em investigação um conjunto de hipóteses que pretendem avaliar a quantidade de falácias presentes nos discursos de partidos de ambos os lados do espectro político, bem como o tipo de falácias que surge com maior e menor frequência nos mesmos, através de uma abordagem quantitativa e qualitativa, que originará depois uma discussão de resultados comparativa entre os dados obtidos na análise feita à esquerda e à direita, bem como entre os partidos do mesmo lado do espectro, BE e Livre à esquerda e Chega e CDS-PP à direita. Esta análise procura assim averiguar se existem diferenças, semelhanças e possíveis padrões nos discursos analisados, numa perspetiva ‘esquerda vs. direita’ e também ‘esquerda vs. esquerda’ e ‘direita vs. direita’.

2.2 Operacionalização e preferências metodológicas

Após a exposição anterior, importa agora apresentar e justificar as abordagens e demais escolhas metodológicas que sustentam este trabalho. A abordagem metodológica selecionada para a realização desta dissertação é uma abordagem mista, através da recolha e análise de dados qualitativos e quantitativos, incidindo sobre os tipos de falácias presentes nos discursos selecionados e a quantidade e frequência das mesmas.

Este tipo de proposta metodológica foi utilizada por fornecer um maior grau de rigor e detalhe na recolha e posterior análise dos dados, pois, como menciona Bryman, “a more complete answer to a research question can be achieved by including both quantitative and qualitative methods (...) [implying that] the gaps left by one method can be filled by another” (Bryman, 2016, p.637).

Depois desta primeira abordagem mista, foi posta em prática uma reflexão de teor comparativo que procurou confrontar os dados obtidos de um lado do espectro político com o seu oposto, ou seja, BE e Livre à esquerda vs. Chega e CDS-PP à direita, bem como cada partido com o seu par de semelhança ideológica, ou seja, BE vs. Livre e Chega vs. CDS-PP. Esta segunda abordagem ganha especial relevância no contexto em que surge, ao tentar cruzar, relacionar e comparar os dados obtidos sob duas perspetivas distintas, com características singulares. Nas palavras de Ragin, “[the comparative method] transforms cross-case analysis in ways that make it much more case oriented, which in turn enhances the dialogue between cross-case analysis and within-case analysis” (Ragin, 2014, p.254).

Num primeiro momento de análise e recolha de dados, as transcrições completas dos debates selecionados foram introduzidas no software de análise de conteúdo MAXQDA, de forma a proceder à identificação do tipo de falácias presentes nos mesmos e da respetiva frequência com que estas surgem, procurando assim pôr em prática a abordagem mista, através da recolha de dados quantitativos e qualitativos. As razões para a escolha deste software para a realização desta dissertação residem no facto de este ser um programa intuitivo, que agiliza a utilização, bem como a possibilidade de, estando completa a recolha dos dados, proceder à análise dos mesmos através de ferramentas visuais construtivas, que permitem analisar e ler os dados de maneiras distintas, auxiliando assim a construção de uma discussão e análise de resultados robusta, alicerçada nos insights obtidos. Outra das razões que justifica a escolha do MAXQDA baseia-se na experiência pessoal já obtida com este mesmo programa, por meio da unidade curricular de Análise de Conteúdo com Programas Informáticos, facilitando assim o uso do mesmo.

A perspectiva teórica selecionada para a identificação das falácias nos debates analisados, a abordagem pragmático-dialética de Van Eemeren, já foi introduzida e explicada na secção anterior, permitindo assim uma compreensão mais completa sobre a forma como esta abordagem encaixa no tipo de análise realizada nesta dissertação, bem como no género discursivo que se encontra aqui em causa, o debate político, caracterizada pelo confronto argumentativo entre dois lados que pretendem passar a sua mensagem, convencendo a audiência de que os ideais que defendem são os corretos e os mais adequados, em detrimento das propostas apresentadas pelos adversários (Van Eemeren in Ali et al, 2022, p.68-70).

2.3 Debates selecionados e contextualização política

Durante o processo de escolha dos debates a analisar, achei importante ter dois partidos distintos de cada lado do espectro político, de maneira a trazer diversidade aos textos analisados, consequentemente produzindo resultados de maior robustez, alicerçados em mais do que um discurso de cada ala do espectro político, daí ter optado por selecionar o BE e o Livre como os partidos à esquerda e o CDS-PP e o Chega como os partidos à direita. Ao longo da análise realizada para determinar quais partidos e quais debates em específico selecionar para esta investigação, foi possível perceber que os líderes partidários Catarina Martins e Rui Tavares, à esquerda, e André Ventura e Francisco Rodrigues dos Santos, à direita, foram os que demonstraram características confrontacionais mais vincadas no contexto argumentativo característico do formato de debate, o que naturalmente gera uma certa tendência para o surgimento de falácias que, como vimos anteriormente, representam “transgressions of discussion rules within an argumentative text or discussion” (Van Der Valk, 2003, p.319).

Assim, para um melhor enquadramento da análise que irá figurar nesta dissertação, torna-se relevante a elaboração de uma contextualização situacional e política do país antes e durante as Eleições Legislativas de 2022, bem como uma caracterização de cada partido em termos ideológicos e também sobre a maneira como estes se posicionaram neste período eleitoral.

Recuando até 2015, os resultados das Eleições Legislativas desse ano viram a coligação Portugal à Frente, composta por PSD e CDS-PP, atingir cerca de 38% dos

votos, enquanto o principal partido da oposição, até então, o PS, alcançou a marca dos 32%.

Os partidos à esquerda do PS, BE e PCP, conseguiram ainda obter resultados significativos, 10% e 8% respetivamente, o que acabou por fazer cair a maioria que o centro-direita possuía (Ministério da Administração Interna, 2015). Assim, apesar de ter obtido menos votos que o seu principal opositor, o PS, liderado na altura por António Costa, conseguiu formar Governo com o apoio dos restantes partidos à sua esquerda, o BE e o PCP, ficando dependente destes para aprovar as suas propostas e orçamentos de estado. Após alguns anos de governação suportados por este entendimento partidário, no dia 21 de outubro, o PS viu o seu orçamento de Estado ser chumbado pelos partidos que até então faziam parte do acordo governativo. Por consequência deste chumbo, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, decidiu dissolver o parlamento e marcar eleições para o dia 30 de janeiro de 2022.

Este contexto situacional e político ajuda-nos assim a compreender as posições e os objetivos de cada partido que marca presença neste trabalho, em relação ao momento eleitoral em questão.

Começando pelo Chega, este é um partido político de direita fundado no dia 9 de abril de 2019, que segue uma matriz nacionalista popular, assumindo-se com uma postura conservadora, através da defesa de ideologias personalistas (Partido Chega, 2019). O partido é descrito como “o primeiro partido assumidamente populista de extrema-direita em Portugal” (Reis, 2020, p.74) por múltiplos autores, politólogos e outros especialistas, apesar de o seu líder não o entender como tal. André Ventura, presidente do partido, é um político português que chegou a fazer parte dos quadros do PSD, tendo sido o candidato deste partido à Câmara Municipal de Loures nas Eleições Autárquicas de 2017, tendo posteriormente renunciado ao cargo em 2028, fundando o Chega algum tempo depois. Nas Eleições Legislativas de 2019, o partido conseguiu eleger um deputado único, o seu líder, com 1,29% dos votos, tendo como grande objetivo para as Legislativas de 2022 a criação de um grupo parlamentar, através da eleição de mais deputados do que aquele obtido nas eleições anteriores. Este objetivo foi atingido com sucesso, tendo o Chega conquistado 7,2% dos votos, elegendo assim um

grupo parlamentar composto por 12 deputados (Ministério da Administração Interna, 2022).

Passando para o outro partido de direita selecionado para esta investigação, temos o CDS-PP, um partido popular, cristão e conservador, que se rege por ideologias democratas e centristas, situando-se no centro-direita do espectro político (Partido do Centro Democrático Social, 1974). Na altura das Eleições Legislativas de 2022, o seu líder era Francisco Rodrigues dos Santos. Após ter concorrido em coligação com o PSD nas Legislativas de 2015, que venceu, apesar de não conseguir formar Governo, o CDS-PP sofreu uma queda acentuada no seguinte momento eleitoral legislativo, em 2019, tendo perdido 13 deputados e ficando reduzido a 5 mandatos no Parlamento (Ministério da Administração Interna, 2019). Tendo optado por não voltar a concorrer em coligação com o PSD nas Legislativas de 2022, o principal objetivo do CDS-PP era reverter esta tendência negativa, procurando não perder a representação parlamentar, o que acabou por se suceder, tendo obtido apenas 1,6% dos votos, o que não permitiu ao partido eleger qualquer deputado (Ministério da Administração Interna, 2022).

Olhando agora para a esquerda, começamos pelo Bloco de Esquerda, um partido socialista e antielitista, fundado em 1999, que defende causas diversas como o sindicalismo, o ambientalismo e os movimentos LGBT e feministas (Bloco de Esquerda, 2023). Liderado na altura das Eleições Legislativas de 2022 por Catarina Martins, o BE fez parte da famosa ‘geringonça’, ao lado do PCP e do PS, tendo aprovado quatro Orçamentos de Estado de 2015 a 2019. Apesar do Bloco ter conseguido manter os seus 19 deputados nas eleições legislativas de 2019, mantendo o seu estatuto de terceira força política no país, esta tendência não se manteve, tendo sofrido uma pesada derrota nas eleições legislativas de 2022, onde obteve apenas 4,4% dos votos, vindo assim reduzido o número de deputados na Assembleia da República de 19 para 5 (Ministério da Administração Interna, 2022). O BE apresentou-se a estas Eleições Legislativas de 2022 após ter feito cair a geringonça, juntamente com o PCP, ao não aprovar o Orçamento de Estado proposto pelo PS. O BE procurava assim nestas eleições separar-se das medidas e da governação do PS, o que se revelou fatal para a sua força parlamentar, pois o PS, através do apelo ao voto útil, destinado a evitar uma vitória do PSD, conseguiu tirar votos à esquerda, o que penalizou precisamente os partidos da antiga geringonça.

Por último temos o Livre, um partido de esquerda, situado mais ao centro do que o Bloco, europeísta e socialista, que afirma como seus princípios o universalismo e a igualdade, bem como a ecologia e a liberdade (Partido Livre, 2013). Fundado em 2014, o seu porta-voz é Rui Tavares, que foi eleito deputado único nas Eleições Legislativas de 2019, procurando o Livre nestas eleições de 2022 aumentar a sua força no Parlamento e, possivelmente, fazer parte de uma maioria de esquerda ao lado de partidos como o BE, o PCP e o PS. Estes objetivos não foram atingidos, devido à maioria absoluta do PS, que, como mencionado, extraiu votos à esquerda através do voto útil. Contudo, o Livre conseguiu manter o seu deputado único, com 1,3% dos votos, elegendo o líder Rui Tavares para o mandato em questão (Ministério da Administração Interna, 2022).

CAPÍTULO 3

Resultados e Discussão

3.1 Resultados

Após a análise e estudo realizados aos dois debates selecionados para esta dissertação, obtiveram-se os seguintes resultados.

No conjunto dos dois debates foram encontradas 451 falácias, sendo que 147 foram identificadas no debate entre Livre e CDS, enquanto as restantes 304 foram observadas no debate entre BE e Chega. Neste dado encontramos a primeira grande diferença entre os dois debates, bem como entre os partidos que neles tomaram parte, aspeto este que será interpretado e discutido na próxima secção.

Focando agora o debate entre Livre e CDS, foi possível identificar 61 falácias proferidas por Rui Tavares, porta-voz do Livre, e 86 falácias proferidas por Francisco Rodrigues dos Santos, presidente do CDS-PP. No outro debate, entre BE e Chega, foi possível identificar 114 falácias proferidas por Catarina Martins, líder do Bloco de Esquerda, e 190 proferidas por André Ventura, presidente do Chega. A exata distribuição de falácias nos dois debates analisados pode ser consultada através da seguinte tabela:

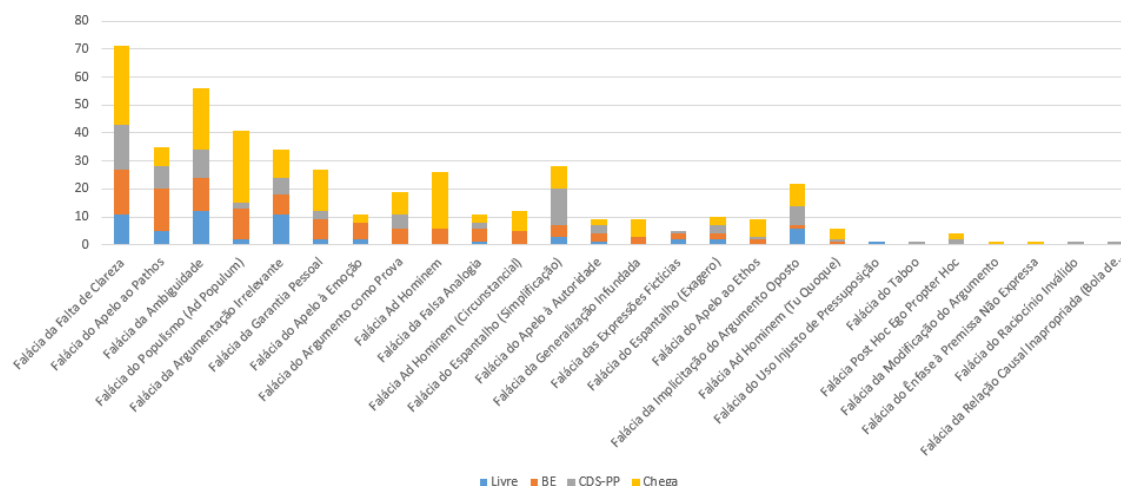
Figura 1 – Distribuição total de falácias por partido político

Falácias	Esquerda		Direita		
	Livre	BE	CDS-PP	Chega	
Falácia da Falta de Clareza	11	16	16	28	
Falácia do Apelo ao Pathos	5	15	8	7	
Falácia da Ambiguidade	12	12	10	22	
Falácia do Populismo (Ad Populum)	2	11	2	26	
Falácia da Argumentação Irrelevante	11	7	6	10	
Falácia da Garantia Pessoal	2	7	3	15	
Falácia do Apelo à Emoção	2	6	0	3	
Falácia do Argumento como Prova	0	6	5	8	
Falácia Ad Hominem	0	6	0	20	
Falácia da Falsa Analogia	1	5	2	3	
Falácia Ad Hominem (Circunstancial)	0	5	0	7	
Falácia do Espantalho (Simplificação)	3	4	13	8	
Falácia do Apelo à Autoridade	1	3	3	2	
Falácia da Generalização Infundada	0	3	0	6	
Falácia das Expressões Fictícias	2	2	1	0	
Falácia do Espantalho (Exagero)	2	2	3	3	
Falácia do Apelo ao Ethos	0	2	1	6	
Falácia da Implicitação do Argumento Oposto	6	1	7	8	
Falácia Ad Hominem (Tu Quoque)	0	1	1	4	
Falácia do Uso Injusto de Pressuposição	1	0	0	0	
Falácia do Taboo	0	0	1	0	
Falácia Post Hoc Ergo Propter Hoc	0	0	2	2	
Falácia da Modificação do Argumento	0	0	0	1	
Falácia do Ênfase à Premissa Não Expressa	0	0	0	1	
Falácia do Raciocínio Inválido	0	0	1	0	
Falácia da Relação Causal Inapropriada (Bola de Neve)	0	0	1	0	
TOTAL	61	114	86	190	451

¹ Falácia onde se podem identificar formulações pouco explícitas ao nível textual, resultando de falta de informação, coerência e clareza presentes nas frases.

No que toca à distribuição de falácias por género, no conjunto dos dois debates, podemos identificar uma clara preponderância da décima regra da abordagem pragmático-dialética de Van Eemeren, correspondente à interpretação de argumentos, na qual se incluem a falácia da falta de clareza¹ e a falácia da ambiguidade¹². No total foram identificadas 127 falácias que violam esta regra, o que equivale a aproximadamente 28% de todas as falácias identificadas nesta investigação. A seguinte regra com maior presença é a número 4, correspondente à relevância, na qual se incluem a falácia da argumentação irrelevante⁶, a falácia do apelo ao *pathos*⁷ e a falácia do apelo ao *ethos*¹³. No total foram identificadas 78 falácias que violam esta regra, o que equivale a aproximadamente 17% de todas as falácias identificadas nesta investigação. A fechar o top 3 surge a sétima regra, correspondente ao esquema argumentativo, na qual se incluem as falácias do populismo², da bola de neve¹⁴, do *post hoc ergo propter hoc*¹⁵, do apelo à autoridade¹⁶, da generalização infundada¹⁷ e da falsa analogia¹⁸. No total foram identificadas 75 falácias que violam esta regra, o que equivale a aproximadamente 16% de todas as falácias identificadas nesta investigação. A completa distribuição da frequência de falácias por partido pode ser consultada no gráfico seguinte:

Figura 2 – Distribuição da frequência de falácias por partido político

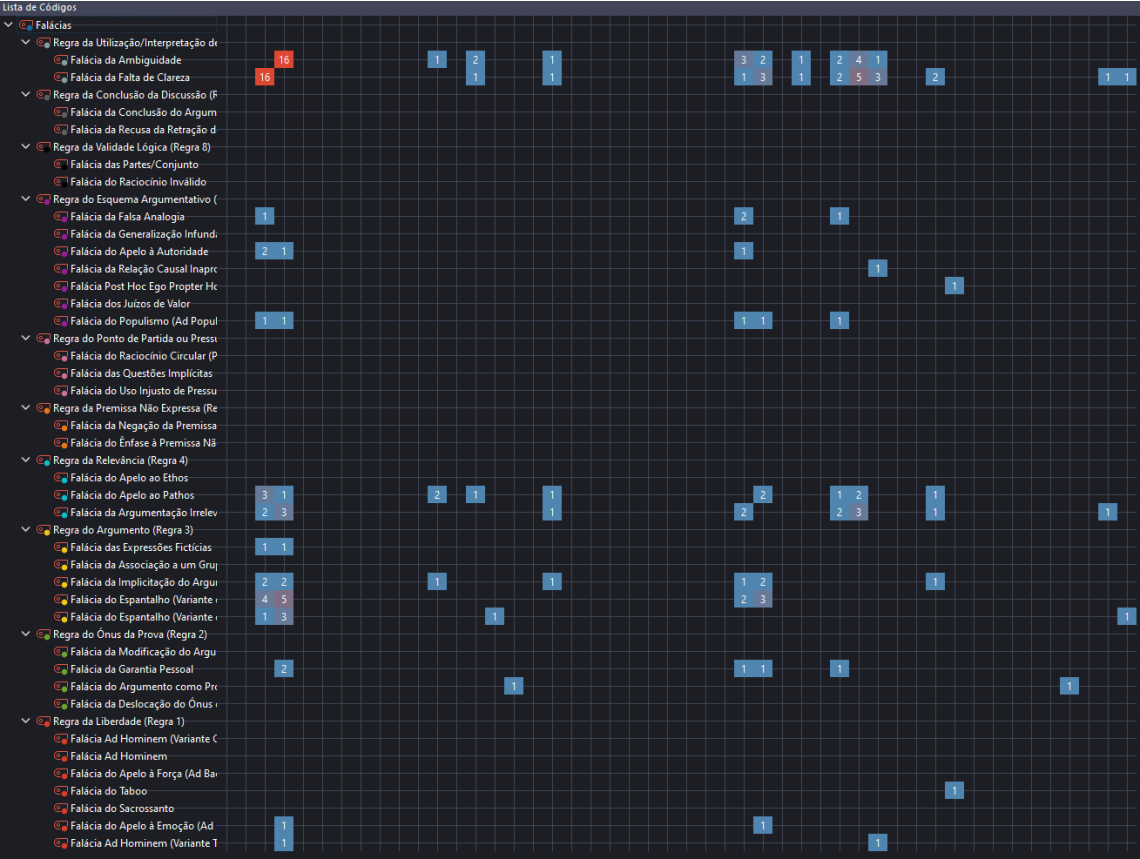


No seguimento lógico da apresentação destes dados surge um outro aspeto a identificar, a partir do mapa de conexões existentes entre códigos de cada debate. No debate entre Livre e CDS encontramos 16 conexões entre a falácia da ambiguidade¹² e a falácia da falta de clareza¹, significando isto que estas duas falácias surgiram no mesmo segmento 16 vezes. Podemos identificar ainda uma relação entre a falácia do espantalho na sua variante da simplificação⁴ e a falácia da falta de clareza¹, tendo ambas surgido no mesmo

² Falácia onde o interlocutor aplica de forma inapropriada o argumento da opinião pública, introduzindo provas com base em relações assintomáticas.

segmento 5 vezes. O mapa completo de conexões neste debate pode ser observado em baixo.

Figura 3 – Mapa de conexões entre códigos no debate Livre x CDS-PP



Já no debate entre o BE e o Chega encontramos uma realidade um pouco diferente. Podemos observar que a relação entre a falácia da ambiguidade¹² e a falácia da falta de clareza¹ existe também neste debate, tendo sido identificadas 34 conexões entre ambas. Contudo, ao contrário do debate anterior, a falácia do populismo² ganha grande destaque, surgindo conectada com a falácia da ambiguidade¹² 17 vezes e com a falácia da falta de clareza¹ 20 vezes. O mapa completo de conexões pode ser observado em baixo.

³ Falácia na qual o interlocutor ataca diretamente as características físicas, psicológicas e/ou pessoais do seu adversário ao invés de debater o seu argumento.

⁴ Falácia na qual o interlocutor procura ou simplificar em demasia os argumentos do seu adversário, deixando de fora restrições e nuances importantes para a compreensão completa do argumento (variante da simplificação), ou exagerar a magnitude e a relevância de determinados aspetos em detrimento de outros, de forma a ridicularizar o argumento do seu adversário (variante do exagero).

⁵ Falácia na qual o interlocutor utiliza as emoções do seu adversário e da audiência a seu favor, colocando pressão e apelando às mesmas.

Figura 4 – Mapa de conexões entre códigos no debate BE x Chega



A partir da análise de conteúdo também realizada nesta investigação, foi possível extrair uma nuvem de palavras que nos permite retirar algumas ilações sobre os temas mais abordados durante os debates e o teor das argumentações presentes. Nos dois casos selecionados para análise, a palavra corrupção surge em destaque como a expressão com frequência mais elevada, seguida de outras palavras como pessoas, Portugal, propostas, país, programa e portugueses. A nuvem de palavras pode ser consultada em formato integral em baixo.

⁶ Falácia na qual o interlocutor introduz no debate um argumento que não aquele colocado em cima da mesa e que iniciou a diferença de opinião entre os participantes.

⁷ Falácia na qual o interlocutor apela a sentimentos tanto positivos (lealdade, segurança) como negativos (medo, vergonha, ganância) para dar força aos seus argumentos.

8 Falcia na qual o interlocutor levanta suspeitas sobre os motivos do seu adversário ao afirmar que este não é imparcial e que favorece um dos lados do argumento em detrimento do outro.

⁹ Falácia na qual o interlocutor aponta uma contradição no argumento do seu adversário de tal forma que este possua um contraste de opinião entre o passado e o presente.

Figura 5 – Nuvem de palavras dos debates



3.2 Discussão

3.2.1 Observação quantitativa de falácias como indicador de moderação política

Como mencionado na exposição dos resultados, uma das primeiras grandes diferenças que podem ser identificadas na comparação entre os dois debates é a quantidade de falácias proferidas. Enquanto no debate Livre x CDS foram identificadas 147 falácias, 61 proferidas pelo Livre e 86 pelo CDS, o debate BE x Chega viu um incremento significativo neste parâmetro, registrando 304 falácias, 114 proferidas pelo BE e 190 pelo Chega. Estes elementos quantitativos podem ser indicativos da posição dos líderes e dos seus respetivos partidos na escala que divide o radicalismo e a moderação.

Tais resultados parecem-nos indicar que o debate entre o BE e Chega decorreu de forma mais confrontacional e agressiva, marcada por um aumento de 106% na quantidade de falácias proferidas quando comparado com o debate entre Livre e CDS. Nesta análise comparativa foi possível identificar discrepâncias significativas no número de determinados tipos de falácia entre os dois debates, como o maior uso de falácias como a falácia da falta de clareza¹ (27 vezes no debate Livre x CDS versus 44 vezes no debate BE x Chega), a falácia do populismo² (4 vezes no debate Livre x CDS versus 37 vezes

¹⁰ Falácia na qual o interlocutor introduz o argumento de forma a que este não precise de qualquer prova, acabando por se comprovar a si mesmo. 29

no debate BE x Chega) e a falácia *ad hominem*³ (0 vezes no debate Livre x CDS versus 26 vezes no debate BE x Chega).

Conforme acima referido, estes dados quantitativos podem ser indicativos da posição de cada partido numa escala dividida entre o radicalismo e a moderação. Tendo em conta o contexto altamente confrontacional do debate político, os partidos Livre e CDS-PP surgem como os mais moderados, optando por empregar um discurso mais cuidado e argumentativamente correto, destacando-se especialmente pela ausência praticamente total de ataques do género *ad hominem*. Pelo contrário, aproximando-se de uma posição de maior radicalização do discurso surgem os partidos BE e Chega, que utilizam com elevada frequência mecanismos falaciosos como os mencionados anteriormente, num discurso caracteristicamente mais hostil, focado nos fins e não olhando à validade lógica dos meios discursivos empregues.

3.2.2 Vitimização do povo português

Ao longo da análise foi ainda possível identificar uma estratégia discursiva empregue pelos partidos tanto à esquerda como à direita, mas com maior ênfase e preponderância nas declarações do Chega. Apesar de abordar temas muito diferenciados ao longo das suas intervenções, tocando em assuntos como os impostos, a subsidiodependência, a imigração e as condições laborais, André Ventura emprega uma estratégia semelhante ao confrontar o BE com estes temas. Optando por dar destaque à relação contrária entre a vítima e o ofensor, André Ventura molda os seus argumentos de acordo com esta lógica, colocando os portugueses no lugar de vítima e o BE, associado diretamente à governação do PS, no papel de vilão. A partir desta perspetiva, André Ventura procura transmitir e vincar a perspetiva de que as pobres condições sociais e económicas em que os portugueses se encontram são consequência direta das medidas e das decisões governativas implementadas pela governação PS, apoiada pelo BE, à qual se refere AV invocando múltiplas vezes a expressão “estes senhores”. Esta estratégia é especialmente visível na utilização das variantes da falácia do espantalho⁴ e da falácia *ad hominem*³. Após descrever as dificuldades e os sofrimentos dos portugueses, bem como as suas origens, André Ventura conclui o argumento com a solução para os mesmos, o voto no seu partido. Assim, ao apresentar os problemas e de seguida apresentar-se como a única

¹¹ Falácia na qual o interlocutor introduz formulações que transmitem certeza em relação ao conteúdo do seu argumento, com o objetivo de fazer com que o adversário sinta que não tem espaço para exprimir as suas dúvidas e questões, refutando o mesmo.

solução para os mesmos, AV mobiliza e fideliza eficazmente o seu eleitorado, procurando influenciar também o grupo dos indecisos.

"Estes senhores tiraram dinheiro aos portugueses, inundaram-nos de impostos (...)" (AV)

"Tudo farei (...) para devolver o poder de compra que estes senhores tiraram aos portugueses (...)" (AV)

"Tudo farei para retirar António Costa do poder, para devolver o poder de compra que estes senhores tiraram aos portugueses e para conseguir fazer uma coisa que não foi feita." (AV)

3.2.3 Personificação do argumento

No seguimento da estratégia apresentada anteriormente., ligada à vitimização da figura do povo português, podemos ainda identificar uma estratégia complementar, frequentemente empregue por André Ventura, em falácias como as do apelo à emoção⁵, do apelo ao *pathos*⁷ e do populismo². Esta consiste em aliar as referências aos portugueses como vítimas da governação de esquerda e das suas medidas a referências diretas aos profissionais que mais dificuldades têm vindo a sentir nas suas condições de vida. Através desta personalização dos argumentos apresentados, André Ventura fala diretamente para os setores da sociedade portuguesa mais afetados e que se sentem mais injustiçados, fazendo-os sentirem-se reconhecidos, mobilizando-os eficazmente e criando uma ligação com esta secção do eleitorado.

"Mais grave ainda, a Catarina Martins sabe porque não ignora que há pensionistas em Portugal, bombeiros, polícias, que recebem pensões de duzentos euros, de duzentos e noventa euros, de trezentos euros, e o BE sabe o que é que propõe? Propõe criar uma linha de financiamento para as organizações dos migrantes e dos refugiados. Que bonito, temos cá em território nacional pessoas que trabalharam a vida toda e que recebem duzentos euros, mas querem dar setecentos euros e casa e trabalho a quem aparece no Mediterrâneo com um telemóvel na mão." (AV)

¹² Falácia na qual o interlocutor introduz formulações que possam ter mais do que um significado, podendo o seu significado ser interpretado de forma ambígua de diversas maneiras.

"As nossas forças de segurança têm de ser defendidas. O BE tem feito tudo e o seu contrário para as humilhar, tem feito tudo e o seu contrário para as ostracizar." (AV)

3.2.4 Luta de classes e benefícios fiscais

Para além de múltiplas diferenças que podem ser encontradas na análise das estratégias e dos temas empregues pelos líderes políticos nos debates, podemos também identificar algumas semelhanças. Entre estas similitudes encontra-se um dos temas mais abordados pelos partidos de esquerda (Livre e BE) como argumento contra os seus adversários políticos (CDS-PP e Chega) - as medidas fiscais dos partidos de direita que, segundo a esquerda, beneficiam os mais ricos em detrimento dos mais pobres. No primeiro debate, o Livre traz este tema para cima da mesa múltiplas vezes, sempre com o intuito de associar o CDS a um partido que procura dar ainda mais benefícios aos mais ricos, indo ao encontro dos seus interesses, e esquecendo-se dos mais vulneráveis. Este tema é empregue principalmente através de falácias como a do apelo à emoção⁵ e da argumentação irrelevante⁶, mediante as quais Rui Tavares procura, no que se refere à primeira, aproveitar-se dos sentimentos de compaixão da audiência ao descrever as condições precárias de certas famílias e, na segunda, mudar o foco do debate para este tema que o mais favorece e que, consequentemente, mais desfavorece o CDS.

"Vêm à reunião pública da Câmara Municipal de Lisboa e está lá o vice-presidente Filipe Anacoreta Correia do CDS e vê que muitas dessas pessoas precisam de um pouco para sair do sufoco de vida que têm, mas nunca nos importamos de dar já este ano 7 milhões aos mais ricos e 30 milhões no mandato todo." (RT)

"Mas tenho a certeza que [a proposta de RBI] seria mais barata do que aquilo que se vai dar aos mais ricos dos portugueses através de uma devolução, só no município de Lisboa." (RT)

¹³ Falácia na qual o interlocutor utiliza as suas competências ou qualidades em determinado tema de forma a aumentar a sua credibilidade e integridade com a audiência.

¹⁴ Falácia na qual o interlocutor propõe ações encadeadas e catastróficas no futuro como consequência de atitudes de menor dimensão executadas no presente.

¹⁵ Falácia na qual o interlocutor introduz uma correlação baseada na ideia de que se dois eventos ocorrem em sequência cronológica então estão interligados através de uma relação de causa e efeito.

Por seu lado, de forma semelhante, o BE introduz e dá ênfase a este tema na sua tentativa de descredibilização do Chega e da sua posição de agente político que luta pelas condições do povo português de classe média-baixa. O único aspeto em que o BE difere do Livre na aplicação desta estratégia é na figura que coloca no papel de desfavorecido. Enquanto o Livre menciona as famílias portuguesas em grandes dificuldades sociais e financeiras, o BE opta por dar destaque à figura dos refugiados e migrantes, incluindo descrições de crianças, mães e cenários de guerra – para enfatizar o aspeto emocional e sentimental do argumento falacioso – colocando-os em oposição aos mais ricos, que segundo o BE saem favorecidos pelas medidas de partidos como o Chega.

"Uma em cada três são crianças, eu não sei se a extrema-direita sabe isto quando faz as suas propostas tão cruéis do ponto de vista social." (CM)

"Quando falamos de migrantes, quando falamos de uma mãe [que] foge da guerra com os seus filhos, aí a extrema-direita não gosta." (CM)

"A proposta da extrema-direita é tornar os ricos mais ricos, nomeadamente com borlas fiscais que só beneficiam os mais ricos e que significam, nas contas da própria extrema-direita, perder de receita fiscal 3400 milhões de euros, que é o equivalente ao dobro dos salários de todas as nossas forças de segurança." (CM)

3.2.5 Utilização de emoções e sentimentos como ferramenta argumentativa

Uma outra estratégia discursiva e argumentativa muito utilizada pelos partidos de esquerda é o foco dado à utilização de falácias que possuíssem as emoções e os sentimentos como principal fator influenciador e mobilizador. O foco na utilização desta estratégia pode ser observado primeiramente através de um ponto de vista quantitativo, ao compararmos a utilização das falácias do apelo ao *pathos*⁷ e do apelo à emoção⁵ pelos partidos de esquerda e pelos partidos de direita. Enquanto o Chega e o CDS-PP apenas utilizaram estas falácias um total de 18 vezes, o Livre e o BE empregaram estes dois tipos de falácias um total de 28 vezes, uma diferença que importa destacar. Na sua utilização destes dois tipos de falácias, os partidos de esquerda invocaram frequentemente a figura

¹⁶ Falácia na qual o interlocutor utiliza as afirmações e opiniões de uma autoridade sobre determinado tópico como prova para sustentar certo argumento.

dos refugiados indefesos, com destaque particular para a descrição de figuras frágeis como crianças e mulheres, tocando ainda nos trabalhadores pobres que, segundo a esquerda, os partidos de direita ignoram para poder dar ainda mais benefícios aos mais ricos. Assim, identificamos aqui uma das principais diferenças na estratégia dos partidos de esquerda e de direita. Enquanto o Chega e o CDS-PP focam a sua narrativa argumentativa nos portugueses e nas suas dificuldades – através da mobilização direta do seu eleitorado e possíveis indecisos descontentes com o estado social e económico do país, colocando-os em primeiro lugar e colocando os refugiados e migrantes em oposição - o BE e o Livre, por oposição, optam por utilizar as emoções e os sentimentos da audiência para dar ênfase à forma como os mais frágeis - neste caso os refugiados e migrantes - são tratados pelos partidos de direita.

"Quando falamos de migrantes, quando falamos de uma mãe [que] foge da guerra com os seus filhos, aí a extrema-direita não gosta... mas quando falamos de milionários que não sabemos de onde vem o dinheiro e que entram com o visto gold, a extrema-direita já gosta." (CM)

"A maior parte das pessoas que recebem este apoio são mães com vários filhos e famílias monoparentais. E é estas mulheres que tomam conta dos seus filhos, numa situação de enorme vulnerabilidade, que a extrema-direita achou que deviam ser o objeto da sua raiva e da sua punição." (CM)

"(...) [as medidas do CDS] não são sensatas, não são prudentes e que acima de tudo punem vítimas que nós precisamos de proteger." (RT)

3.2.6 Ênfase dos ataques pessoais e de carácter à direita

Uma outra diferença identificável nesta análise reside no contraste entre a frequência de falácias do género *ad hominem*³ no debate BE x Chega em comparação ao debate Livre x CDS. Esta diferença pode ser observada ao analisar três tipos de falácia, a falácia *ad hominem*³, a falácia *ad hominem* na variante circunstancial⁸ e a falácia *ad hominem* na variante *tu quoque*⁹. Enquanto no debate entre BE e Chega observámos um total de 43 falácias deste género, no debate entre Livre e CDS-PP apenas foi identificada apenas 1

¹⁷ Falácia na qual o interlocutor faz uma generalização baseada na evidência disponibilizada por um pequeno conjunto de observações.

falácia. Além do mais, olhando para o debate entre BE e Chega, vemos neste aspeto uma clara preponderância na utilização deste tipo de falácias pelo partido de direita, com 31 das 43 falácias a serem proferidas por André Ventura. O líder do Chega afasta-se claramente dos outros partidos no que toca à utilização deste tipo de mecanismo falacioso no seu discurso, procurando através dele descredibilizar o seu adversário de debate, atacando e insultando diretamente Catarina Martins – chamando-a de mentirosa, referindo-se de forma pejorativa à sua atividade como atriz e afirmando que a líder de esquerda não possui conhecimentos sobre os assuntos discutidos – associando continuamente o BE à figura de vilão.

"Está a mentir" (AV)

"(...) a Catarina Martins não sabe disso, não sabe muito destas coisas que eu lhe vou falar agora, mas fica a saber (...)" (AV)

"A diferença, Catarina Martins, é que quando a Catarina Martins era atriz, e bem, eu era inspetor tributário, portanto combati o crime económico e fiscal, e estive a ajudar a combater aqueles que mais lucravam com isso, ao contrário de si, que nunca fez nada por isso." (AV)

Já Catarina Martins, em menor escala, ataca também André Ventura, procurando descredibilizar o líder do Chega e os seus argumentos atacando diretamente a figura e o carácter do líder de direita, chamando-o de “disco riscado”, afirmando que este possui fraca memória e que é nervoso ao debater.

"O candidato da extrema-direita é mais previsível que um disco riscado." (CM)

"O BE não negoceia com a direita e eu bem sei que André Ventura tem fraca memória, mas era do PSD e apoiava o PSD no momento em que foram feitos cortes brutais em salários." (CM)

"Fica nervoso quando eu falo?" (CM)

¹⁸ Falácia na qual o interlocutor introduz uma comparação entre dois elementos ou conceitos que não são comparáveis.

Esta clara diferença suporta também a hipótese colocada inicialmente de que o Livre e o CDS são os partidos mais moderados no seu lado do espectro político, não utilizando este mecanismo mais agressivo como estratégia argumentativa para mobilizar a audiência.

3.2.7 Equilíbrio quantitativo na falácia do argumento como prova

Olhando agora para uma das semelhanças encontradas na análise a estes debates, focamos a falácia do argumento como prova¹⁰. Esta foi uma das falácias que registou maior equilíbrio na sua utilização por parte dos partidos, tanto à esquerda como à direita, com a exceção do Livre, que a proferiu 0 vezes. De resto, o BE empregou-a 6 vezes, o CDS-PP 5 vezes e o Chega 8 vezes. Apesar de vermos um ligeiro foco de utilização deste tipo de falácia por parte da direita, os objetivos com que esta é utilizada são semelhantes tanto à esquerda como à direita, variando apenas os temas em que é aplicada. Enquanto a esquerda (apenas o BE) procura cimentar a sua própria posição através deste tipo de falácia, dando ênfase à importância das eleições e da escolha acertada por parte dos portugueses, posicionando o seu partido como a escolha certa, a direita procura refutar estas posições apresentando com um elevado nível de certeza situações e exemplos que contrariam as posições que os partidos de esquerda procuram tomar, como é o caso da subsidiodependência no debate BE x Chega. Enquanto Catarina Martins diz que o BE é a escolha certa e que as pessoas sabem com que contar com o seu partido, André Ventura, utilizando o mesmo tipo de falácia, procura convencer a audiência de que as situações que descreve (subsidiodependência, etc.) são originadas e incentivadas pelo BE e pelas suas medidas.

"(...) o BE é o partido mais claro." (CM)

"Toda a gente sabe quem são os bairros onde há subsídios com Mercedes à porta e a receberem RSI." (AV)

3.2.8 Liderança partidária centralizada como fonte de autoridade

Ao longo desta análise vamos identificando vários aspetos que apontam o Chega como um dos partidos que mais dá uso a táticas populistas e falaciosas no seu discurso argumentativo, aspeto este teorizado também por diversos autores na secção de

contextualização, suportando a hipótese de que o partido liderado por André Ventura se posiciona assim num extremo do espectro político. O aspeto seguinte é apenas um dos exemplos disso mesmo. Podemos observar uma grande discrepância no número de falácias da garantia pessoal¹¹ proferidas pelo Chega em relação aos outros partidos. Como vimos na revisão da literatura, a figura do líder em partidos de direita possui maior destaque e relevância dentro da hierarquia partidária e do seu eleitorado, devido a uma organização mais centralizada à volta deste mesmo líder. Possivelmente, por esta razão, este tipo de falácia ganha maior destaque e é mais utilizada por líderes de partidos deste lado do espectro político (9 vezes pelos partidos de esquerda e 18 vezes pelos de direita). Naturalmente, existe uma maior facilidade de aceitação da falácia da garantia pessoal¹¹ por parte do eleitorado se esta for dita por um líder com maior destaque, poder e autoridade dentro do seu partido. Pelo contrário, nos partidos de esquerda, onde encontramos uma organização mais descentralizada, o foco de atenção não se encontra apenas num indivíduo que lidera unilateralmente o partido, mas sim num conjunto de agentes políticos individualizados, unidos sim por ideologias semelhantes, o que pode acabar por prejudicar o partido neste aspeto.

"Quer uma novidade minha? Nunca fui condenado em nenhum processo-crime. Isso deixa-me um orgulho enorme, poder continuar a lutar pelos portugueses de bem e por bandidos que os senhores defendem no vosso partido há não sei quantos anos." (AV)

"A diferença, Catarina Martins, é que quando a Catarina Martins era atriz, e bem, eu era inspetor tributário, portanto combati o crime económico e fiscal, e estive a ajudar a combater aqueles que mais lucravam com isso, ao contrário de si, que nunca fez nada por isso." (AV)

"E sobre [aumento de salários] acho que, enfim, o BE é o partido mais claro" (CM)

3.2.9 Sensibilidade temática na introdução de argumentação irrelevante

Uma das falácias frequentemente utilizadas pelos partidos em ambos os lados do espectro político é a falácia da argumentação irrelevante⁶, empregue por todos com um objetivo

comum: desviar a conversa para temas que não são aqueles questionados pelo moderador, procurando sim introduzir assuntos que possam ser mais sensíveis ao respetivo adversário de debate, beneficiando-se a si mesmo e prejudicando o opositor. Apesar deste objetivo comum, os temas que os partidos em cada lado do espectro político optam por introduzir no debate são muito distintos. À esquerda, de forma semelhante entre Livre e BE, ambos os partidos procuram transmitir a ideia de que os partidos de direita beneficiam os ricos em detrimento dos pobres, muitas vezes tirando proveito próprio destas medidas injustas (vistos *gold*, *offshores*, borlas fiscais para os ricos), associando ainda estes aspetos à corrupção (mais o BE). Este é um ponto transversal à estratégia de debate dos partidos de esquerda quando utilizam esta falácia da argumentação irrelevante.

"Mas tenho a certeza que [a proposta de RBI] seria mais barata do que aquilo que se vai dar aos mais ricos dos portugueses através de uma devolução, só no município de Lisboa." (RT)

"(...) não disse nada sobre a criminalização das offshores, mas eu registo que votou contra o fim dos vistos gold." (CM)

"Quando foi para acabar com os vistos gold votaram contra. E sobre os offshores tem estado caladinho, até porque enfim, há empresários amigos que eventualmente não querem que se saiba como anda o dinheiro deles." (CM)

Já a estratégia dos partidos de direita diverge um pouco nos temas trazidos para cima da mesa, pois enquanto o Chega opta por atacar o BE com a questão do IMI e dos refugiados, o CDS opta por seguir um caminho diferente, optando por confrontar o Livre com as suas posições sobre a História de Portugal e a Educação. Contudo, nesta disparidade, pode ser encontrado um fio condutor comum. Na génese desta utilização da falácia da argumentação irrelevante⁶ e dos temas que os partidos de direita trazem para cima da mesa está uma linha tática comum, o elemento já identificado dos portugueses como vítimas dos partidos de esquerda e das suas medidas, apresentando-se os partidos

de direita como os únicos defensores do povo. Enquanto o BE ataca os rendimentos dos portugueses beneficiando antes os migrantes e refugiados, segundo o Chega, o Livre procura impor as suas visões liberais e distorcidas da história de Portugal e da matriz familiar sobre os portugueses, chegando até a cortar as suas liberdades, segundo o CDS.

"Oh Rui, o facto do Rui ser historiador não lhe dá o direito de reescrever a história, de explicar como é que a história deve ser ensinada, nomeadamente o período dos Descobrimentos." (FRS)

"Vão ter uma eventual terceira ou quarta ou quinta força, que em vez de aumentar pensões, que em vez de querer salvar pensões, quer dar dinheiro a refugiados e imigrantes." (AV)

"Aliás, como faz com outras coisas, que o BE critica muito os partidos, etc., mas é o quarto partido do Parlamento com maior património imobiliário." (AV)

3.2.10 Populismo e sensacionalismo argumentativo

Um dos outros aspetos identificados nesta análise que importa notar, que acaba por suportar a hipótese sobre a moderação partidária já apresentada, é a predominância de falácias do populismo² no debate BE x Chega, em contraste com o debate Livre x CDS. Enquanto no primeiro encontramos 28 falácias, no segundo identificamos apenas 4 falácias. Contudo, olhando para a distribuição por partido, encontramos uma grande diferença. Das 28 falácias do populismo² presentes no debate BE x Chega, apenas 2 foram proferidas por Catarina Martins, enquanto as restantes 26 foram empregues por André Ventura. Percebemos assim mais facilmente, através destes dados quantitativos, as reflexões dos vários autores presentes na secção contextual, em relação à natureza política e ideológica populista do partido de André Ventura. Esta falácia é amplamente utilizada por André Ventura com o intuito de gerar *soundbites*, reações e partilhas através das suas formulações de carácter sensacionalista, como forma de mobilização da audiência e do eleitorado. Esta tentativa de viralização do conteúdo está intimamente ligada ao ênfase dado pelo partido de direita às redes sociais no cômputo geral da sua estratégia eleitoral, como já vimos. Nestas suas formulações, o líder do Chega toca em

diversos assuntos, como a governação do PS apoiada pelo BE, a imigração, o RSI e a subsidiodependência, temas estes muito abordados pelo mesmo noutras fases do debate. Em todas estas formulações populistas, podemos observar um elemento comum: a presença da figura dos portugueses como os grandes lesados de todas estas situações.

“O BE quer aumentar o RSI. Quer dar mais subsídios para a malta, para distribuir pelas pessoas, ainda quer aumentá-los mais.” (AV)

"Anda metade a viver à conta dos outros que estão a trabalhar. Empresários nem conseguem ter pessoas para trabalhar." (AV)

"Toda a gente sabe quem são os bairros onde há subsídios com Mercedes à porta e a receberem RSI." (AV)

Paralelamente a este aspeto, surge ainda uma dualidade interessante que importa destacar. Enquanto, como vimos, os portugueses figuram muitas vezes nos argumentos dos partidos como vítimas que têm vindo a ser injustiçadas pelo Estado e pelas suas medidas, a figura dos portugueses e do ‘povo’ ganha uma outra importância quando colocada num pedestal, pois só ela tem o poder de mudar as circunstâncias governativas em Portugal. Por isso, vemos aqui esta oscilação entre portugueses vítimas do Estado, por um lado, e portugueses como os únicos que têm poder para fazer as circunstâncias mudar, por outro lado. Os partidos optam por transmitir a primeira imagem dos portugueses quando esta lhes favorece o argumento, mas rapidamente efetuam a mudança para a segunda se esta lhes melhor servir os seus interesses.

"E é muito importante este novo ciclo como a terceira força política à esquerda reforçada, não tanto por estarmos a ver os acordos ou o que é que se vai fazer mas porque as pessoas sabem que é a força do seu voto que decide." (CM)

3.2.11 Complexidade e ambiguidade como mecanismos de mobilização da audiência

Por último, mas não menos importante, identificamos a elevada mancha de falácias da falta de clareza¹ e da ambiguidade¹² presentes em ambos os discursos. No total foram

observados 127 segmentos falaciosos destes dois tipos - 71 falácias da falta de clareza e 56 falácias da ambiguidade¹². Na grande maioria das vezes, quando observamos a presença de um destes tipos de falácia, a outra também se encontra presente, por associação. Ao estarem as duas intimamente relacionadas, não as podemos analisar separadamente sem retirar sentido e contexto aos segmentos em questão, o que impediria a sua total compreensão. Dito isto, ambas as falácias se encontram distribuídas de forma equilibrada pelos partidos, à exceção do Chega, que se destaca na elevada frequência com que emprega as duas. Na maior parte das vezes, estas falácias são utilizadas com grande normalidade, com o objetivo de dar força ao argumento apresentado através da omissão e complexificação da natureza de certos detalhes, bem como a sua apresentação de forma vaga e implícita, em relação ao argumento e tema em debate, pois uma visão completa e organizada do mesmo poderia enfraquecer a sua influência e força mobilizadora. Ao apresentar o argumento desta forma, os partidos induzem a compreensão incompleta dos temas em debate por parte da audiência.

"Mas tenho a certeza que seria mais barato do que aquilo que se vai dar aos mais ricos dos portugueses através de uma devolução, só no município de Lisboa." (RT)

"O programa que o Livre apresenta é uma fábrica de impostos que procura eutanasiar a nossa economia de uma vez por todas." (FRS)

"São aqueles que a extrema-direita ajuda, mantendo os vistos gold, mantendo as offshores, mantendo esta cortina de fundo para uma economia que vive da exploração." (CM)

Apesar de possuir objetivos semelhantes na utilização deste par de falácias, o Chega diferencia-se um pouco na sua abordagem às mesmas, pois mostra-se mais confrontacional, direto e agressivo na aplicação destas, características discursivas estas, aliás, que marcam a maior parte das suas intervenções neste debate. André Ventura opta por focar uma grande variedade de temas, possivelmente com o objetivo de atingir a maior faixa do eleitorado possível, ao contrário dos restantes partidos, que optam por focar dois ou três temas com maior intensidade. O líder do Chega toca assim em temas

como a corrupção, a subsidiodependência, a situação fiscal dos portugueses, a incompetência do Governo PS apoiado pelo BE e o IMI, entre outros, procurando sempre enquadrar estes temas de maneira a que os seus adversários políticos surjam como os vilões, enquanto os portugueses trabalhadores, ou os “portugueses de bem”, como André Ventura os designa, surgem no papel de vítimas, pelo sofrimento que tiveram de suportar às mãos das medidas de partidos como o BE, apresentando-se no final como a única alternativa a este tipo de governação danosa.

"Diga isso aos portugueses, que quer inundá-los de IMI, mas vocês não pagam IMI." (AV)

"Estes senhores tiraram dinheiro aos portugueses, inundaram-nos de impostos, com base em teorias macabras que só eles é que conhecem e que nem sabem explicar bem, e hoje os portugueses têm menos poder de compra do que há 10 anos." (AV)

"O BE quer aumentar o RSI. Quer dar mais subsídios para a malta, para distribuir pelas pessoas, ainda quer aumentá-los mais." (AV)

"(..) nós estamos aqui para fazer a mudança que o BE, PCP, PSD e CDS não conseguiram fazer em duas décadas." (AV)

Conclusões

A presente dissertação debruçou-se sobre a análise à presença de falácias num contexto discursivo específico, o debate político, procurando responder à seguinte questão nuclear: será que podem ser identificadas diferenças e/ou semelhanças na utilização de falácias por parte de partidos de esquerda e de direita portugueses no seu discurso? De forma a responder a esta questão, e a um conjunto de outras linhas de investigação complementares, foi realizada uma análise a quatro debates políticos distintos, inseridos no contexto das Eleições Legislativas de 2022, protagonizados por dois partidos de esquerda (BE e Livre) e dois partidos de direita (Chega e CDS-PP).

A primeira grande diferença reside na quantidade total de falácias proferidas em cada debate, tendo sido observado um aumento significativo de 157 falácias no debate entre BE e Chega, quando comparado com o debate entre Livre e CDS-PP. Estes elementos quantitativos podem ser indicativos do nível de moderação política de cada partido, representados pelo seu líder. O debate entre BE e Chega revelou-se mais confrontacional e agressivo, com uma elevada frequência de segmentos falaciosos, em contraste com o debate entre Livre e CDS-PP, onde, de ambos os lados, foi empregue um discurso mais cuidado e rigoroso do ponto de vista argumentativo.

Esta análise também evidenciou a presença de um leque de estratégias discursivas empregues pelos partidos, algumas utilizadas de forma semelhante tanto à esquerda como à direita, e outras com diferentes ângulos e preponderâncias em cada lado do espectro político.

A comparação da quantidade de falácias proferidas entre os dois debates – 147 no Livre x CDS e 304 no BE x Chega - evidencia uma primeira grande diferença, podendo esta ser sugestiva do nível de moderação dos líderes e dos seus respetivos partidos. Estes resultados parecem apontar, que no primeiro, nos deparamos com um encontro entre dois partidos mais moderados, evidenciado pelo discurso mais cuidado e argumentativamente rigoroso, enquanto no segundo observamos uma linguagem e estrutura discursiva mais agressiva e confrontacional entre partidos mais radicais, que olham em menor grau à validade lógica dos meios discursivos empregues.

Por outro lado, a estratégia discursiva baseada na apresentação do povo português no papel de vítima das medidas do partido opositor - complementada com a inclusão de referências diretas aos setores profissionais mais afetados, numa tentativa de personificar o argumento – é uma tática discursiva empregue pelos partidos em ambos os lados do espectro político, ganhando, no entanto, maior destaque e prevalência, à direita, em particular através do partido Chega. Em contraste, o foco dado às emoções é uma estratégia predominantemente empregue pelos partidos de esquerda, através da introdução de figuras frágeis como mães e crianças refugiadas, de maneira a apelar às emoções e sentimentos da audiência.

A divisão de temas abordados e a preferência dos partidos pelos mesmos representa também uma diferença significativa, com os partidos à esquerda a preferirem enfatizar temas como as migrações, a luta de classes e os alegados benefícios fiscais dados aos mais ricos pelas medidas defendidas pela direita. Por sua vez, os partidos de direita procuram ignorar a questão dos refugiados, optando por dar ênfase às condições de vida do povo português, através das estratégias discursivas sintetizadas anteriormente.

Já a predominância de segmentos falaciosos caracterizados pelo seu teor populista à direita, em particular no discurso do Chega, materializa uma outra diferença a destacar, que em parte suporta a hipótese sobre a moderação partidária já apresentada. Na busca por *soundbites*, reações e partilhas, o Chega emprega múltiplas formulações falaciosas e sensacionalistas, procurando também a mobilização da audiência e do eleitorado, aspeto este intimamente ligado à dinâmica e à importância que o partido atribuiu à sua presença nas redes sociais online.

A análise evidencia ainda o recurso a segmentos falaciosos pouco claros e marcados pela ambiguidade em semelhante quantidade dentro dos partidos estudados, com exceção do Chega, que se destaca, mais uma vez, na predominância dada a esta estratégia. Os objetivos desta são semelhantes no conjunto dos partidos, procurando dar força aos argumentos apresentados através da sua omissão, complexificação e apresentação de forma vaga e implícita.

Toda a recolha, observação e análise realizadas no âmbito do desenvolvimento desta dissertação não se materializaram sem algumas limitações. Primeiramente, apesar

de o MAXQDA ser um dos softwares mais completos e intuitivos no que toca à análise do discurso e de conteúdo, ainda não possui uma funcionalidade que permita isolar e analisar cada segmento codificado de forma individual, atribuindo-lhe características próprias. Esta ferramenta revelar-se-ia bastante útil no âmbito desta dissertação, pois através da mesma viria a ser possível cruzar e comparar códigos individuais entre documentos distintos, fortalecendo a análise realizada. Outra limitação identificada ao longo desta investigação refere-se à componente académico-literária. No contexto português, este tema não é amplamente abordado ou analisado, o que dificultou a obtenção de um volume substancial de obras e estudos para comparar os resultados e conclusões desta dissertação. A presença de tais referências teria sido uma mais-valia, beneficiando tanto a solidez teórica da dissertação como, por consequência, os demais leitores e interessados.

Por último, na sequência da apresentação dos resultados, discussão e respetivas conclusões, importa ainda apresentar um par de recomendações que permitam auxiliar futuros investigadores deste tema, dando-lhes sugestões de abordagens e caminhos a seguir em trabalhos futuros. Tendo em conta a amostra de documentos presente nesta dissertação, seria benéfico proceder à análise de um número maior de debates, procurando incluir neste hipotético estudo um conjunto mais alargado de partidos à esquerda e à direita, de maneira a obter resultados mais robustos. No seguimento, e sendo a política um setor complexo e contextualmente dependente, seria igualmente importante procurar também realizar uma revisão mais profunda a outros estudos de escopo semelhante que tenham sido realizados no estrangeiro. Esta comparação de resultados e conclusões permitiria identificar diferenças, semelhanças e padrões nos aspetos analisados entre contextos e espectros políticos de diferentes nações, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e contextualizada do tema.

Referências Bibliográficas

Ali, A. M., Paramasivam, S., & Jabar, M. A. B. A. (2022). Argumentative tactic of rhetorical fallacies in political discourse. *Journal of Language and Linguistic Studies*, 18(2). (p. 66-86).

Ali, A. M., Paramasivam, S., & Jabar, M. A. B. A. (2022). Argumentative tactic of rhetorical fallacies in political discourse. *Journal of Language and Linguistic Studies*, 18(2). (p. 66-86).

Anjos, M. (2024). TikTok e os Jovens: A Máquina de fazer Extremistas. *Revista Visão*, p. 31-43.

Bloco de Esquerda (2023, 27 de maio). Estatutos. Recolhido de <https://www.bloco.org/o-bloco/estatutos.html>

Bryman, A. (2016). *Social research methods* (5th ed.). United Kingdom: Oxford University Press.

Friedman, E. (2017). The politics of fear: what right wing populist discourses mean. *Critical Discourse Studies*, 14(5), (p. 569–571).

Goffredo, P., Haddadan, S., Vorakitphan, V., Cabrio, E., & Villata, S. (2022). Falacious Argument Classification in Political Debates. *IJCAI* (p. 4143-4149).

Jankowski, M., Schneider, S. H., & Tepe, M. (2023). How stable are ‘left’ and ‘right’? A morphological analysis using open-ended survey responses of parliamentary candidates. *Party Politics*, 29(1), (p. 26-39).

Kim, S. (2017). The populism of the Alternative for Germany (AfD): an extended Essex School perspective. *Palgrave communications*, 3(1), (p. 1-11).

Ministério da Administração Interna (2015, 4 de outubro). *Eleições Legislativas 2015 – Resultados Globais*. Recolhido de <https://www.eleicoes.mai.gov.pt/legislativas2015/resultados-globais.html>

Ministério da Administração Interna (2019, 6 de outubro). *Eleições Legislativas 2019 – Resultados Globais*. Recolhido de <https://www.eleicoes.mai.gov.pt/legislativas2019/>

Ministério da Administração Interna (2022, 30 de janeiro). *Eleições Legislativas 2022 – Resultados Globais*. Recolhido de <https://www.eleicoes.mai.gov.pt/legislativas2022/resultados/globais>

Partido Chega (2019, 9 de abril). *Manifesto Político Fundador*. Recolhido de <https://partidochega.pt/index.php/manifesto/>

Partido do Centro Democrático Social (1974, 19 de julho). *Declaração de Princípios*. Recolhido de <https://www.cds.pt/principios.html>

Partido Livre (2013, 16 de novembro). *Declaração de Princípios*. Recolhido de <https://partidolivre.pt/declaracao-de-principios-2-2>

Prior, M. (2013). Media and political polarization. *Annual review of political science*, 16(1), 101-127.

Ragin, C. C. (2014). *The comparative method: Moving beyond qualitative and quantitative strategies* (17th ed.). United States: University of California Press.

Raymond, G. (2017). Beyond left and right?. *Modern & Contemporary France*, 25(4), (p. 417-428).

Reis, J. P. (2020). André Ventura—por Portugal pelos portugueses. *MovimentAção*, 7(13), (p. 73-90).

Talshir, G. (2005). Knowing right from left: The politics of identity between the radical left and far right. *Journal of Political Ideologies*, 10(3), (p. 311-335).

Van Der Valk, I. (2003). Right-wing parliamentary discourse on immigration in France. *Discourse & Society*, 14(3), (p. 309-348).

Van Der Valk, I. (2003). Right-wing parliamentary discourse on immigration in France. *Discourse & Society*, 14(3), (p. 309-348).

White, J. (2011). Left and Right as political resources. *Journal of political ideologies*, 16(2), (p. 123-144).

Wodak, R. (2009). The semiotics of racism: A critical discourse-historical analysis. *Discourse, of course: An overview of research in discourse studies*, (p. 311-326).

Wodak, R., & Nugara, S. (2017). “Right-wing populist parties endorse what can be recognised as the ‘arrogance of ignorance’”. *Les langages du politique*, 115, (p. 165-173).

Wojcik, A. D., Cislak, A., & Schmidt, P. (2021). ‘The left is right’: Left and right political orientation across Eastern and Western Europe. *The Social Science Journal*, (p. 1-17).

Zagar, I., & Mohammed, D. (2011). Fallacies: do we “use” them or “commit” them? Or: is all our life just a collection of fallacies?. *OSSA Conference Archive*. 42.